

# TENDÊNCIAS E ESTRUTURAS DOS DOMICÍLIOS NA CAPITANIA DE SÃO PAULO (1765-1828) SEGUNDO AS LISTAS NOMINATIVAS DE HABITANTES

MARIA LUIZA MARCILIO

Tradução de Diva Benevides Pinho

## RESUMO

O presente trabalho representa uma contribuição original e pioneira aos estudos no campo da demografia histórica no Brasil. Procura pesquisar as principais características do domicílio na capitania de São Paulo a partir das Listas Nominativas de Habitantes. Procura-se especialmente compreender as principais características da organização familiar e com isto adicionar maior conhecimento acerca da formação paulista.

### 1. *Introdução*

Neste trabalho preliminar a respeito da estrutura do antigo domicílio paulista, quisemos estudar quantitativamente sua dimensão, os elementos que o compõem, certas características da família, bem como alguns traços de sua tendência em cinco momentos escolhidos: 1765, 1798, 1808, 1818 e 1828. Consideramos o primeiro recenseamento da Capitania — 1765 — em razão de sua antiguidade e tendo em vista comparações com as datas posteriores. O primeiro e mais completo cadastramento efetuado na região é, certamente, o de 1798. Por isso o tomamos e muitos de nossos quadros começam por ele. E para facilitar as análises demográficas propriamente ditas, os intervalos de dez anos, entre um recenseamento e outro, são os mais aconselhados. Depois de 1830 os recenseamentos perdem em continuidade e em integralidade.

Esta primeira abordagem faz parte de uma pesquisa mais vasta sobre a demografia, a economia e a sociedade da região de São Paulo desde 1765.<sup>1</sup> E' necessário esclarecer que nossas pesquisas a respeito do crescimento paulista desde o século XVIII não são completas e muitos dados quantitativos aqui apresentados poderão ser objeto de revisões e de modificações futuras.

O "corpo" deste estudo é constituído pelas *listas nominativas dos habitantes* levantadas cada ano e que compunham a Capitania, depois Província (1815) de São Paulo.<sup>2</sup> Trata-se, pois, de um "corpo" homogêneo e, ao mesmo tempo, "bastante amplo para que se possa razoavelmente esperar que seus elementos saturem um sistema completo de semelhanças e de diferenças".<sup>3</sup> As listas nominativas foram estabelecidas tomando-se como unidade de base o "FOGO", isto é, o domicílio, composto pelo núcleo familiar de seu chefe (pais e filhos e podendo haver, ademais, dependentes e ou escravos) A noção de "fogo" coincide, portanto, com o conceito de Domicílio, Alojamento, Casa, empregado na demografia corrente.<sup>4</sup> Mas pode acontecer que um "fogo" não tenha nenhum chefe de família: trata-se de domicílios de celibatários que vivem sós e sem filhos, de granjas habitadas unicamente por escravos e cujos proprietários vivem fora, alojamentos de estudantes ou de soldados (regimentos), etc. Em nossa classificação esta categoria é denominada: "Domicílios sem chefe de família"

---

1. A pesquisa geral sobre a população, economia e sociedade de São Paulo tem sido possível, em grande parte, graças ao concurso da *Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo*, à qual somos reconhecidos.

2. Os manuscritos *Maços de População* das cidades da Capitania de São Paulo estão conservados no *Arquivo Público do Estado de São Paulo*. Com a passagem do Brasil, em 1815, à categoria de Reino Unido, as antigas Capitánias mudam de nome e recebem a denominação de Províncias.

3. Utilizamos aqui o conceito de "corpo" do ponto de vista linguístico, tal como o propõe Roland Barthes. Entretanto, como o sistema pesquisado não era previamente conhecido em seus limites (já que se trata precisamente de reconstituí-lo), a *imanência* só pode dizer respeito, no início, a um conjunto heteróclito de fatos que precisarão ser "tratados" para se conhecer a estrutura; tal conjunto deve ser definido pelo pesquisador antes da pesquisa: é o "corpo" Este é uma coleção acabada de materiais, determinada previamente pelo analista segundo certa arbitrariedade (inevitável) e sobre a qual vai ele trabalhar". BARTHES, Roland — "Eléments de Semiologie" in *Le Degré Zéro de l'Écriture*, Paris, Gonthier, 1968, p. 170-171.

4. A respeito da definição de Domicílio, ver HENRY, Louis — *Manuel de Démographie Historique*, Paris, Dez. 1967, p. 41-42. Empregaremos aqui essa mesma definição, como já o fizemos em nosso trabalho: *A Cidade de São Paulo: Povoamento e População*, Rouen, Universidade de Rouen, p. 145 e seguintes.

As informações contidas nas listas de habitantes são preciosas não somente para os estudos quantitativos demográficos, econômicos sociais e mesmo culturais (por exemplo, estudos do nível de instrução dos chefes de “fogos” a partir das assinaturas) mas também para os estudos qualitativos.<sup>5</sup>

O objetivo último do conjunto que pesquisamos consiste em conhecer uma vasta coletividade representada pela Capitania paulista inteira, que compreendia na época, os atuais Estados de São Paulo e do Paraná. A única maneira de tirar proveito das múltiplas informações reveladas por nossas fontes, tendo em vista também a grande extensão do território considerado, foi a de proceder por sondagem. Um plano de amostras probabilísticas foi, portanto, estabelecido para a análise das listas nominativas de cada cidade, nas cinco datas escolhidas. A unidade de base da amostra foi o “fogo” e aplicou-se a sondagem em várias etapas. Uma observação entretanto: a Capital — São Paulo — não entra neste estudo porque suas listas nominativas são muito incompletas e mal conservadas. Não existem mais as listas de habitantes da Capital para os anos 1808 e 1818 e para o de 1828 restam somente três de suas nove listas. Para preencher essas lacunas, servimo-nos, no conjunto da pesquisa, dos resultados de nosso primeiro trabalho sobre a demografia da cidade de São Paulo, elaborada sobretudo a partir dos registros paroquiais.<sup>6</sup>

Finalmente, a utilização dos processos mecanográficos de cálculos eletrônicos permitiu-nos estabelecer os primeiros quadros de dados brutos ou analisados, a partir dos 17.302 domicílios examinados em nossa amostra final. Neste trabalho utilizaremos alguns resultados concernentes aos domicílios e às famílias assim obtidos.

E' necessário precisar, enfim, que todos os dados apresentados foram calculados segundo a amostra. Em outros termos, trata-se da população ou dos “fogos” *estimados*.

## II. *Tendências da organização dos domicílios*

A estimativa da população geral e de sua distribuição por domicílios a que chegamos está revelada no quadro n.º 1, onde foram introduzidos os dados do recenseamento de 1836.<sup>7</sup>

---

5. Para conhecer a natureza das informações contidas nessa fonte, ver o capítulo “Fortes e Técnicas” em MARCÍLIO, M. L., *op. cit.*

6. MARCÍLIO, Maria Luiza, *op. cit.*

7. Os manuscritos sob forma de listas nominativas de habitantes e de quadros resumidos da população para o ano de 1836 encontram-se conservados, cidade por cidade, no *Arquivo Público do Estado de São Paulo*. Este recenseamento, levantado sob a direção de Pedro MULLER foi publicado por seu próprio organizador em *Ensaio de um Quadro Estatístico da Província de São Paulo*, 2ª ed., São Paulo, O Estado de São Paulo, 1923.

Quadro nº 1

NÚMEROS DE DOMICÍLIOS DA POPULAÇÃO NA CAPITANIA  
(PROVÍNCIA) DE SÃO PAULO \*

Anos	População total	Número de domicílios	Número médio de pessoas por domicílio
1765	(45.656)	(10.512)	(4.3)
1798	141.041	22.751	6.2
1808	170.754	27.633	6.1
1818	197.113	33.196	5.9
1828	257.645	41.138	6.3
1836	304.969	45.649	6.6(8)

(\*) Nota — sem a Capital de São Paulo.

Com exceção apenas do cadastramento de 1765, no qual a quase totalidade da população escrava, e sem dúvida uma parte também da população livre, não foram levantadas — cadastramento precário, portanto — durante todo o período o número médio de habitantes por domicílio apresenta certa constância relativa. Isto, aparentemente, opõe-se às nossas expectativas iniciais, porque constatamos que, a partir dos anos 1810, considerável contingente de escravos entra na região, o que deveria, em princípio, modificar as médias. Entretanto, se o fator “população” aumenta, particularmente nos últimos dez anos de nosso período, o fator “fogo” segue de muito perto o aumento demográfico (ver quadro nº 2) Em outros termos, se de um lado há tendência ao crescimento da população, de outro há também dispersão do povoamento nos espaços sem cultura. Provam-no a criação de cidades e de paróquias, sobretudo em direção do oeste paulista, mas também no Sul — *rota de Viamão* — até Curitiba e no Vale do Paraíba. A exploração e o desenvolvimento de novos produtos de aceitação mais fácil no mercado mundial da época — cana-de-açúcar e café — produziram a multiplicação de novos domicílios na região.

---

8. Encontramos, para a Capital paulista, domicílios mais extensos, com cerca de sete pessoas, em média, em 1772 e 1803. Observamos também uma tendência à diminuição, seja aproximadamente 5 pessoas em 1816, 1836, 1886 somente para a cidade de São Paulo (cf. MARCÍLIO, M. L., *op. cit.*, p. 150).

Quadro nº 2

EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO E DOS DOMICÍLIOS

(1798 = índice 100)

Anos	Número de "fogos"	População total	População livre	População escrava
1808	121	121	122	116
1818	145	139	137	197
1828	180	182	168	334

O que cresce mais depressa, pois, é efetivamente a população escrava, caminhando quase juntas as duas outras variáveis — população total e "fogos". No setor livre da população uma constante relativa, na Estrutura dos Domicílios, mantém-se em todo o período: o número médio de pessoas por "fogo" situa-se ao redor de 4 (quadro n.º 3)

Quadro nº 3

MÉDIA DE PESSOAS LIVRES POR DOMICÍLIO

Anos	População livre	Número médio de pessoas por "fogo"
1765	45.440	4.3
1798	108.550	4.7
1808	132.911	4.8
1818	148.820	4.4
1828	182.823	4.7(9)

E' necessário, então, buscar quais as modificações introduzidas nos domicílios com a entrada mais acentuada de escravos, a partir sobretudo de nossa última década.

Com a política voltada para o desenvolvimento da agricultura, inaugurada pela Coroa Portuguesa no tempo de Pombal, e ainda com uma conjuntura favorável aos mercados internacionais, a partir dos últimos anos do século XVIII, a Capitania de São Paulo passou à fa-

9. Oracy NOGUEIRA encontrou, para a cidade de Itapetininga (SP), no século XVIII, proporções semelhantes. O "bairro rural" de Alambari e Sarapuí apresentavam em 1767, 4.9 habitantes por domicílio; o de Itapetininga 3.6 e o de Paranapanema 4.9. As proporções encontradas para o ano de 1775 revelaram 6.0 habitantes por casa (cf. NOGUEIRA, *O Família e Comunidade*, Rio de Janeiro, INEP, 1960, p. 236.

se das grandes plantações. Unidades familiares concentravam grande número de escravos negros, o que constitui uma etapa em que a economia se monetariza mais depressa do que anteriormente. A política dos governadores de São Paulo, a partir de 1765, foi contínua e coerente, tendo como uma das principais preocupações organizar em bases mais racionais a infra-estrutura geral administrativa, a partir dos *municípios* — para criar as condições necessárias ao desenvolvimento agrícola e à fixação do homem na terra.<sup>10</sup>

Os reflexos dessa nova orientação já se observam nos últimos anos do século XVIII e no início do século XIX. Mais homens chegam com seus escravos e, sem dúvida, com seus capitais, vindos de outras regiões do Brasil, de Portugal e de alguns — se bem que em pequeno número — outros países (depois dos anos 1810): França, Inglaterra, Suécia, Prússia<sup>11</sup> e vão tentar estabelecer a agricultura de “plantation” para a exportação. Abre-se uma nova fase na economia e na sociedade paulista: a tendência à concentração de terras, de escravos e de capitais de algumas famílias. E são justamente os grandes domicílios com muitos escravos negros que constituem um fato novo na região paulista do século XIX.

Realmente, em toda a Capitania, o número absoluto de grandes proprietários de escravos (com 40 escravos e mais) aumentou de 47 em 1798 para 81 em 1808, 101 em 1818 e 223 em 1828. E’ verdade que em termos gerais e no conjunto dos “fogos”, esses números significavam uma proporção quase nula que jamais ultrapassa a 0,5% em todas as datas em questão. Entretanto, mesmo se 1% dos domicílios não constituía “grandes fogos”, estes, em compensação, cada vez mais concentravam uma parte importante da população total, por causa de seus escravos (quadro n.º 4)

---

10. Para seguir essa nova orientação, basta consultar as correspondências dos governadores com a Coroa ou com os capitães-mores das cidades da Capitania depois de 1765, na coleção *Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo*, publicação do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

11. Um exemplo, entre outros, de famílias estrangeiras, não portuguesas, que são atraídas pela região paulista, aparece na cidade de Ubatuba, a partir dos anos 1818. Realmente, cerca de uma dezena de pessoas vindas da França, Província de Bretagne, entraram nessa cidade. Em pouco tempo compraram terras e escravos, no mercado de escravos do Rio de Janeiro. No início, essas famílias dedicavam-se à plantação de cereais de consumo local, mas desde que formaram grandes plantações de café ou de cana-de-açúcar, passaram à exportação (segundo informações que obtivemos das listas nominativas isso ocorreu entre 1818 e 1836)

Quadro nº 4

EVOLUÇÃO DOS "GRANDES FOGÓS" (COM 40 ESCRAVOS E MAIS) E  
DE SUA POPULAÇÃO LIVRE E ESCRAVA

Anos	Fogos		População livre		População escrava		Conjunto da população	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
1798	47	0.2	326	0.3	2835	8.7	3161	2.2
1808	81	0.3	631	0.4	4611	12.2	5242	3.0
1818	100	0.3	692	0.4	6221	12.9	6913	3.5
1828	227	0.5	1519	0.8	13501	18.0	15501	6.0

A tendência de concentração dos escravos em mãos de alguns grandes senhores é evidente. Nesses grandes domicílios, que reuniam somente 2% da população total da Capitania, em 1798, trinta anos depois se concentravam 6%. E', conseqüentemente, no aumento do número de escravos nas grandes famílias que se encontra a explicação da modificação da estrutura do domicílio paulista, durante esse período de sua expansão.

Apesar dessa tendência nitidamente escravocrata da sociedade, uma constante se mantém: a grande maioria dos domicílios continua sendo de rurícolas, em torno de um só chefe de família, como se pode observar nos quadros 6 a 9 a seguir. Efetivamente, as casas com uma só família predominam no conjunto dos "fogos", tal como indicam as proporções seguintes:

1798	—	84,9%
1808	—	85,3%
1818	—	87,1%
1828	—	87,2%

Nessas proporções, a porcentagem que resta é constituída quase inteiramente de "fogos sem chefe de família", ou seja, domicílios de celibatários, granjas habitadas unicamente por escravos, conventos, etc. Dessa forma, a existência de domicílios múltiplos, formados pelo conjunto de duas ou mais famílias, vivendo sob um mesmo teto, não é a regra na sociedade.

No conjunto dos "fogos", a observação continuada da documentação e da sociedade da época permite-nos verificar uma constante generalizada: a formação de novas famílias por casamentos e também a chegada de casais na Capitania correspondiam à constituição paralela de novos "fogos". Em outras palavras, o número de "fogos" seguia de perto o crescimento, por casamento e por imigração, das famílias "livres". Distinguimos um comportamento típico na região: no momento do casamento de um rapaz ou moça, havia o costume de formar um "fogo" independente para o novo casal.

Este, às vezes, não tinha condições para construir imediatamente sua casa. Mas era quase certo que após o nascimento do primeiro filho, a nova casa já estava pronta. E' o que nos revelam as listas nominativas. Não importava que os recém-casados continuassem a trabalhar nas mesmas terras de seus pais, que permanecessem na mesma propriedade, mas era preciso que tivessem sua própria casa. Apesar da exploração de terras em comum, cada domicílio conservava sua pequena plantação de cereais ou de mandioca para sua própria subsistência e mesmo para o mercado. Tais hábitos parecem estar

preservados até nossos dias em algumas cidades que permaneceram muito tempo distantes, quase isoladas. Nogueira fez essa observação na região de Itapetininga e Willems na cidade de Cunha.<sup>12</sup>

Para resumir, no período em questão, observa-se, de uma parte, nítida tendência à constituição e ao desenvolvimento de grandes domicílios, que concentravam, cada vez mais, escravos e terras, embora representassem sempre uma fração quase nula dos “fogos” e da população livre. E’ a fase de formação da grande propriedade. De outra parte, a sociedade mantém uma constante: o predomínio, em número e em proporção, dos “fogos” com um só chefe de família, formados na maioria por casas de pequenos trabalhadores.

Mas é ainda nas grandes propriedades que, acreditamos, vão se constituir as condições preliminares para as futuras reformas na agricultura, em vista de melhor produtividade. Nessas propriedades em formação e em expansão, nessa época, a introdução de técnicas agrícolas mais avançadas realizar-se-á com menos resistências. Talvez aí se situe uma das explicações das condições preparatórias do desenvolvimento industrial paulista, se se aceitar a tese de Paul Bairoch. A imigração posterior, primeiramente européia e asiática depois, virá ao encontro dessa transformação da agricultura paulista. Mas será necessário ainda o estabelecimento de novas séries estatísticas para seguir as tendências de longa duração, a fim de confirmar essas hipóteses iniciais.

### III. *Estrutura dos domicílios*

A análise exaustiva das listas nominativas permite-nos distinguir essencialmente três componentes de base na família paulista da época:

- 1 o núcleo familiar principal
2. os “agregados” ou dependentes do chefe do “fogo”
- 3 os escravos

Na primeira categoria distinguem-se os indivíduos ligados unicamente por parentesco — celibatários, casados ou viúvos, e seus filhos vivos, que habitavam na mesma casa de seus ascendentes no momento do recenseamento.

Os chefes dos “fogos” podiam abrigar em suas casas algumas pessoas livres, parentes ou não — os *agregados*. Esta categoria de pessoas era representada pelos habitantes de maior mobilidade na sociedade — no sentido social e no sentido espacial — que mais se deslocavam. Celibatários ou não, podiam excepcionalmente ter outras pessoas a seu encargo: os *agregados de agregados* ou os escravos de *agre-*

---

12. Ver NOGUEIRA, O. *opus cit.*, p. 237 e *passim*; e WILLEMS, E., *Cunha, Tradição em uma Cultura Rural do Brasil*, São Paulo, 1948, p. 45 e 165.

*gados*, que viviam todos juntos, sob a proteção de um chefe de “fogo”. Os liames de dependência variam numa larga escala, desde os que se beneficiavam simplesmente da dependência de um mesmo teto (mas que tinham suas próprias profissões, independentes daquelas do chefe do “fogo”) até aos órfãos menores, dependentes inteiramente, para sobreviver, da caridade dos chefes de famílias. Os *agregados* podiam ter laços de parentesco entre si. Muitos deles eram antigos escravos libertos e ainda não inteiramente integrados na sociedade de pessoas livres.

Quadro nº 5

ORGANIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS; AGREGADOS NA ESTRUTURA

	1765	1798	1808	1818	1828
População total:	45.656	141.041	170.754	197.113	257.645
<i>Agregados</i>					
Número	2.720			16.841	18.156
P/100	5,9	9,4	10,4	8,5	7,0

A terceira categoria de homens que compunha os “fogos” era constituída por *escravos*. “O escravo, virtualmente, não tinha família. Em razão da promiscuidade e do caráter ocasional das relações sexuais, o escravo dificilmente conhecia sua própria mãe e seus irmãos e até as relações entre eles estava sujeita a uma série de circunstâncias desfavoráveis (compreendida aí também a arbitrariedade dos donos), cujos efeitos iam desde a completa ignorância dos liames de parentesco até ao seu conhecimento, mas sem relações de afetividade por causa das divergências de experiências e da própria natureza das relações casuais”<sup>13</sup>

Alguns raros donos se preocupavam com o estabelecimento regular de uma família entre seus escravos, facilitando seus casamentos na igreja. Entretanto, não acreditamos haver aí algum espírito de empresa mais avançado, desejo de preservar ou de fazer frutificar um grande capital investido na compra de escravos através da multiplicação regular de casamentos estáveis e, portanto, de nascimentos. Vê-se nisso, sobretudo, preocupações de ordem religiosa formal entre os senhores.

A grande maioria dos “fogos” paulistas não apresentava condições para comprar ou manter escravos. A massa dos trabalhadores cuidava da terra com seus próprios braços, representando, conseqüentemente, trabalho livre.

13. NOGUEIRA, O.. *opus cit.*, p. 241

Quadro nº 6

CLASSIFICAÇÃO DOS DOMICÍLIOS SEGUNDO A PRESENÇA OU NÃO DE ESCRAVOS — 1798

Categoria do “fogo”	Sem escravos	Com escravos	Total
Com um só chefe de família	15.040	4.295	19.335
Com dois chefes	488	299	787
Com três ou mais	56	64	120
Sem chefe de família	1.576	933	2.509
<b>TOTAL</b>	<b>17.160</b>	<b>5.591</b>	<b>22.751</b>

Quadro nº 7

CLASSIFICAÇÃO DOS DOMICÍLIOS SEGUNDO A PRESENÇA OU NÃO DE ESCRAVOS — 1808

Categoria do “fogo”	Sem escravos	Com escravos	Total
Com um só chefe de família	18.408	5.174	23.582
Com dois chefes	896	363	1.259
Com três ou mais	104	75	179
Sem chefe de família	1.616	997	2.613
<b>TOTAL</b>	<b>21.024</b>	<b>6.609</b>	<b>27.633</b>

Quadro nº 8

CLASSIFICAÇÃO DOS DOMICÍLIOS SEGUNDO A PRESENÇA OU NÃO DE ESCRAVOS — 1818

Categoria do “fogo”	Sem escravos	Com escravos	Total
Com um só chefe de família	23.080	5.856	28.936
Com dois chefes	520	441	961
Com três ou mais	64	68	132
Sem chefe de família	1.936	1.231	3.167
<b>TOTAL</b>	<b>25.600</b>	<b>7.596</b>	<b>33.196</b>

Quadro nº 9

CLASSIFICAÇÃO DOS DOMICÍLIOS SEGUNDO A PRESENÇA OU NÃO DE ESCRAVOS — 1828

Categoria do “fogo”	Sem escravos	Com escravos	Total
Com um só chefe de família	27.848	8.047	35.895
Com dois chefes	600	469	1.069
Com três ou mais	48	35	99
Sem chefe de família	2.248	1.828	4.076
<b>TOTAL</b>	<b>30.760</b>	<b>10.379</b>	<b>41.139</b>

Para as quatro datas predominam, assim, constantemente os “fogos” de chefes de família sem escravos e de um só chefe, o que representa as seguintes proporções no conjunto de domicílios:

1798 — 66,1%

1808 — 66,6%

1818 — 69,5%

1828 — 67,7%

Finalmente, e para se ter uma visão global da estrutura dos antigos domicílios paulistas, apresentamos a seguir o quadro geral de toda a população nos cinco recenseamentos, decomposto segundo as relações dos membros com o chefe dos “fogos”

Quadro nº 10

ESTRUTURA DOS "FOGOS" NA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO.

*Classificação do conjunto da população segundo as relações de seus membros com os chefes de família*

Categoria da população segundo sua relação com o chefe dos "fogos"	1765	1798	1808	1818	1828
TOTAL	45.656	141.041	170.754	197.113	257.645
1 <i>Família principal</i>					
a. chefe do "fogo"	9.352	20.242	25.020	30.029	37.062
b. Esposa	7.736	15.641	19.218	23.183	29.956
c. Filhos	28.373	56.782	68.268	75.603	93.572
2. <i>Agregados</i>					
a. Pais, ascendentes e descendentes	368	1.559	2.203	1.876	1.536
b. Parentes colaterais	448	1.090	1.421	846	1.094
c. Não parentes	1.896	10.719	14.174	14.119	15.525
d. Agregados	8	8	—	—	1
3 <i>Escravos</i>					
a. do Chefe do "Fogo"	200	32.165	37.526	47.920	74.499
b. dos Agregados	16	326	312	370	323
"Fogos" sem Chefe de família	1.160	2.509	2.613	3.167	4.077